



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Ideologia, Poder e Resistência como Constituintes de uma Epistemologia da Comunicação Centrada no Discurso¹

Eduardo Cardoso Braga²

Professor Doutor do Centro Universitário Senac-SP

Resumo

Investigou-se alguns conceitos-chave da Análise do Discurso como ideologia, poder e resistência para criticar algumas teorias que fundamentam a comunicação como trocas simbólicas entre sujeitos unos, soberanos e concebidos de forma essencialista, bem como reificados como substâncias. Analisou-se algumas concepções da Análise do Discurso e suas relações com a filosofia de Foucault e algumas correntes filosóficas contemporâneas com o propósito de demonstrar a importância de certos fundamentos epistemológicos para a concepção do fenômeno comunicativo. Concluiu-se demonstrando a importância da Análise do Discurso enquanto método capaz de desvelar a ideologia e as relações de poder inerentes à circulação dos discursos. Como consequência aparece um sujeito descentrado cuja subjetividade passa a ser construída na relação com o outro e com as possibilidades discursivas de um determinado contexto. Não falamos a linguagem, somos falados por ela.

Palavras-chave: epistemologia, comunicação, subjetividade, discurso, Foucault

Introdução

Algumas teorias da comunicação têm como fundamento explícito ou implícito a concepção de sujeitos que realizam trocas simbólicas. Esses sujeitos são pontos de partida ou de chegada das trocas e têm uma dimensão substancial ou essencialista. São teorias claramente que expressam a dimensão moderna, construída entre o século XVII e XVIII, de um sujeito soberano centro dos saberes e dotado de uma liberdade essencialista e fundamental. Também é evidente que esta concepção de comunicação como trocas simbólicas é totalmente isoforma de uma sociedade fundamentada na troca

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 05 - Comunicação, consumo e novos fluxos políticos, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

² Licenciado em Artes Plásticas pela FAAP, Bacharel em filosofia pela FFLCH/USP, Mestrado em filosofia pela FFLCH/USP, Doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Pesquisador na intertextualidade entre filosofia e comunicação. Atualmente é professor mensalista do Centro Universitário Senac - Campus Santo Amaro, SP. <eduardo.cbraga@sp.senac.br>.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

de mercadorias. Evidentemente que muitos argumentam que as trocas simbólicas comunicacionais são diferentes das trocas mercantis, na medida em que estas últimas pressupõe um ganho e uma perda e as primeiras pressupõe a possibilidade de somente ganhos. Entretanto esse argumento só é válido quando pensamos nas trocas mercantis primitivas e não nas formas do alto capitalismo, no qual o ganho simbólico, ilusório ou real, são condições para essas mesmas trocas.

Algumas teorias da comunicação em sua dimensão epistemológica estão se posicionando contrárias a essa concepção de trocas simbólicas executadas por sujeitos substanciados. Gostaríamos de apontar duas linhas importantes que procuram compreender a comunicação sob novos princípios. São elas: a concepção da comunicação como fusão, tendo como paradigma a experiência estética (PARRET, 1993) e a concepção da comunicação como produtora de subjetividade, ou seja, como construtora das identidades. Nesse sentido, essa última concepção torna-se crítica da fundamentação da comunicação a partir de um sujeito soberano, substancial e transparente que torna-se o centro e o destino das trocas simbólicas. O discurso é aquilo que constrói a realidade e os sujeitos, bem como suas relações. Dentre as diversas teorias que tomam o discurso como processo constituinte da comunicação, destacamos a Análise do Discurso derivada da filosofia da linguagem de Michel Foucault.

A compreensão de que os discursos são a constituinte fundamental na relação entre o sujeito e o mundo, entre os próprios sujeitos e, principalmente, na construção dessa subjetividade engendrou a criação de um campo de estudo de natureza transdisciplinar conhecido como Análise do Discurso (doravante referenciada como AD). A AD é uma abordagem relativamente recente, porém ela possui uma história cujas origens remontam ao diálogo com os conhecimentos tradicionais da teoria social e da análise linguística (BAKER and GALASINSKI, 2001; PHILLIPS and HARDY, 2002; WOOD and KROGER, 2000; ORLANDI, 2003). Existem diversas formas, linhas e perspectivas em relação à AD, mas todas as variações processuais e conceituais compartilham alguns objetivos e pressupostos comuns (WOOD and KROGER, 2000; ORLANDI, 2003). Um dos principais pressupostos compartilhados é a importância do poder na produção, circulação e interpretação dos discursos. A AD difere de outras tradições que abordam as materialidades discursivas, tais como a semiótica discursiva (FIORIN, 2005; FONTANILLE, 2011) e a etnometodologia (GARFINKEL, 1967;



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

BAUMAN, 1973) pelo seu interesse em enfatizar a análise do poder inerente às relações sociais e aos processos discursivos engendrados por e para essas relações. Por meio de uma abordagem linguística, a AD explora as relações entre linguagem e ideologia, investigando o modo como as teorias da realidade e das relações de poder são codificadas em aspectos como a sintaxe, o estilo e os dispositivos retóricos utilizados nos textos (LUPTON, 1992). Nesse artigo iremos explorar a AD derivada da filosofia de Michel Foucault procurando demonstrar como esse filósofo influenciou a AD em seus pressupostos e procedimentos, em especial, os conceitos de ideologia, poder e resistência. Analisaremos também como Foucault construiu esses conceitos por meio de um diálogo com certas tradições filosóficas. Assim, pretendemos expor alguns pressupostos epistemológicos da AD demonstrando sua posição crítica e contrária às teorias da comunicação das trocas simbólicas. Também pretendemos demonstrar as ligações entre os fundamentos da AD e algumas correntes filosóficas contemporâneas, mostrando um amplo campo crítica da noção substancial de sujeito e de qualquer pressuposto de natureza essencialista.

O discurso foi definido como um grupo de ideias ou formas de pensamento padronizadas que podem ser identificadas nas comunicações textuais (verbais e não verbais) e também podem estar localizadas em estruturas sociais mais amplas (LUPTON, 1992: 145). Para Foucault, o discurso tem pouco a ver com o ato de falar no sentido tradicional. O discurso é uma atividade, ou performance, derivada dos conhecimentos sociais, sendo um sistema de declarações com as quais o mundo pode ser conhecido. A principal característica deste discurso é o fato de que o mundo não é simplesmente aquilo que pode ser falado, mas sim, é através do próprio discurso que o mundo é trazido à existência. É por meio desse discurso que falantes e ouvintes chegam a uma compreensão sobre si mesmos e sua relação com o outro, bem como seu lugar no mundo (FOUCAULT, 1996). Em outras palavras, é por meio desses discursos que a subjetividade é construída. É o complexo de signos e práticas que organizam a existência social e a reprodução social. Há certas regras tácitas controladoras das declarações que podem ser ditas e que não podem ser ditas, e essas regras determinam a natureza do que é o discurso. Existe um número limitado de declarações que podem ser feitas dentro das regras do sistema, essas regras é que são investigadas por Foucault. Quais as regras que permitem que certas declarações, e não outras, podem se manifestar? Quais as regras que



COMUNICON2018
congresso **internacional**
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

permitem um sistema classificatório? Quais as regras que permitem identificar certos indivíduos como autores? Essas regras dizem respeito ao sistema classificatório, a ordenação e as distribuições desses conhecimentos do mundo que o discurso nos capacita a desvelar (FOUCAULT, 2001). Um bom exemplo de um discurso é a medicina. A partir do senso comum, nós simplesmente pensamos na medicina como a cura dos corpos doentes. Mas a medicina representa um sistema de declarações que podem ser feitas sobre o corpo, sobre a doença e sobre o mundo. As regras deste sistema determinam a forma como vemos o processo de cura, a identidade do doente e, de fato, o nosso próprio relacionamento com o mundo. Existem certos princípios de exclusão e inclusão, que operam dentro desse sistema. Algumas coisas podem ser ditas e algumas coisas não podem. O discurso é importante porque une poder e conhecimento juntos. Aqueles que têm poder controlam o que pode ser conhecido e a forma como ele é conhecido (FOUCAULT, 1987, p. 24 e ss.).

A AD fornece uma visão do funcionamento dos corpos de conhecimento em seus contextos específicos, os quais geram possibilidades interpretativas em relação aos efeitos de poder de um discurso sobre grupo de pessoas, sem reivindicações de generalização para outros contextos. A base teórica para a análise do discurso fundamenta-se em vários desenvolvimentos históricos na filosofia da ciência e na teoria social, incluindo a comunicação e a linguagem. Como uma abordagem para analisar os corpos sistemáticos do conhecimento (discursos), a AD participa de várias tradições do pensamento ocidental. Iremos analisar no âmbito deste artigo as relações com algumas dessas tradições bem como o diálogo intertextual que elas estabelecem com o desenvolvimento da AD de base foucaultiana. Os principais diálogos conceituais entre correntes filosóficas e a AD foram aquelas estabelecidas pela teoria crítica (escola de Frankfurt), as filosofias antiessencialistas, o pós-modernismo e o pós-estruturalismo, bem como a filosofia feminista (POWERS, 2001; NICHOLSON, 1992). Neste artigo, pretendemos focar sobre os conceitos de ideologia, poder e resistência, analisando os diálogos, em torno desses conceitos, entre Foucault, a AD e certas tradições filosóficas.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Ideologia

Em torno do conceito de ideologia existem fortes diálogos conceituais entre filosofias e a AD. Os trabalhos filosóficos de Althusser, Lacan e Pêcheux serão retomados e interpretados pela AD contemporânea.

A ideologia pode ser definida como uma representação imaginária que faz a mediação entre os indivíduos e suas condições reais de existência (ALTHUSSER, 1980, p. 162). Para Althusser, como para Lacan, é impossível ter acesso às “condições reais da existência” devido à nossa dependência da linguagem. No entanto, através de uma abordagem rigorosa da sociedade, economia e história, poderemos, pelo menos em parte, compreender o modo como estamos inscritos na ideologia por processos complexos de reconhecimento (McLENNAN, 1983). Uma das consequências dessa abordagem da ideologia é considerar que os sistemas de valores se tornam escondidos e, ao mesmo tempo, operam de forma sistemática para oprimir as pessoas. A fim de criar na consciência dos homens essa visão ilusória da realidade transformando-a como se fosse realidade, a ideologia deve organizar-se como um sistema lógico e coerente de “representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar, o que devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer” (CHAUI, 1980, p. 113). A ideologia é uma interpretação (ou representação) de uma relação social que cria um significado com consequências também sociais.

Pêcheux (1990, 2010), influenciado por Althusser, compreende a linguagem em sua dimensão material simbólica, sendo uma janela para o estudo do funcionamento da produção de sentidos. Simbólico e ideologia são mutuamente relacionados por meio da materialidade da linguagem. É na relação entre ideologia e linguagem que o discurso se situa numa "eficácia omni-histórica da ideologia como tendência incontornável a representar as origens e os fins últimos, o alhures, o além e o invisível" (PÊCHEUX, 1990, p. 8). Portanto é na análise de discursos que a ideologia emerge e o escondido torna-se visível e conhecido (ORLANDI, 2003).

Tanto para AD, como para a filosofia de Habermas (1982), existem ideologias que situam-se além do capitalismo. Elas também funcionam inconscientemente como uma ferramenta de dominação, impedindo os indivíduos de perceberem que são vítimas da exploração em várias



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

dimensões de suas existências. Os teóricos críticos afirmam que, quando as pessoas tomam conhecimentos dessas interpretações e desconstroem suas naturalizações podem reconhecer as consequências opressivas da ideologia e dar novos sentidos a elas em sua realidade social.

De acordo com a teoria marxista ortodoxa, a ideologia do capitalismo produz uma falsa consciência na classe trabalhadora, uma ilusão de que o trabalho dos indivíduos resulta em ganho pessoal. A teoria marxista fornece a interpretação alternativa para essa classe, a qual demonstra que o trabalho funciona exatamente ao contrário, ou seja, para reproduzir as condições e as relações de produção para benefício, não da classe trabalhadora, mas da classe proprietária. Quando a classe trabalhadora não toma consciência desse fato, segundo a teoria marxista tradicional, ela desenvolve uma "falsa consciência". Assim, se assume que existe uma consciência verdadeira, na qual as relações de dominação são reveladas. Como consequência, temos a concepção que não é possível interpretações outras das condições de existência sob o capitalismo que favoreçam a classe trabalhadora, ou as pessoas em condições de algum tipo de opressão.

Os autores da Escola de Frankfurt, por outro lado, argumentaram que não é necessário assumir a existência de uma única e verdadeira interpretação das condições de existência como forma de conscientização de que as pessoas estão sendo enganadas. Não é necessário assumir que há algum significado ou interpretação verdadeiramente oculta e profunda dentro de um discurso cuja revelação desqualifique outros discursos como "falsa consciência" (DREYFUS and RABINOW, 1983). Ao contrário, os filósofos de Frankfurt argumentam que as pessoas podem ser iludidas por uma interpretação da realidade, apenas para se convencer de suas ilusões. Por exemplo é o que acontece na cultura de massa, na qual, "seu caráter ideológico consiste na colocação da existência do mundo como seu sentido. Em termos gerais, o prazer que os consumidores experimentam nessas obras é o de saberem que o mundo é tal como eles pensam que é" (FREITAS, 2004, p. 195). As pessoas também podem preferir uma determinada interpretação na medida em que ela for mais explicativa em contextos específicos. A interpretação pode não ser mais verdadeira em algum sentido objetivo, mas pode ser mais preferível. Além disso, pode haver muitas interpretações concorrentes. As tradições de investigação como a AD, o feminismo, a etnografia interpretativa e a hermenêutica crítica



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

compartilham essa visão das interpretações preferíveis com os teóricos da Escola de Frankfurt (DENZIN, 1997).

A dimensão da escolha dos discursos em função do preferível e não segundo à verdade ou espelho do real conduz a AD na direção de uma crítica aos postulados das filosofias essencialistas.

A questão do poder e suas resistências

A noção de poder, também denominada biopoder, é a noção mais importante no trabalho de Foucault porque constitui um conceito fundamental para a análise do discurso. Na obra de Foucault, uma clara e excelente exposição da noção de poder é encontrada em *A História da Sexualidade: a vontade de saber, volume 1* (1977). Segundo esta exposição, podemos extrair cinco características fundamentais do poder.

Primeira característica, o poder deve ser entendido como uma rede de forças interativas, relacionais, auto-organizadas e orientadas para atingir objetivos. O poder cria tensões entre e dentro dos indivíduos e grupos. O poder não é compreendido como um fenômeno singular, unidirecional e reificado com instâncias identificáveis. Também não pode ser entendido como estratégias conscientemente usadas por algumas pessoas sobre outras pessoas. O poder, segundo Foucault, é como uma rede de relações mutantes, influenciadas pela micropolítica em vez da força física bruta (FOUCAULT, 1979).

Segunda característica, o poder é um processo que opera em contínuas lutas e confrontos que mudam, fortalecem ou alteram uma polaridade das relações de força entre poder e resistência. Isso significa que o poder é descrito como um processo relacional que é incorporado em situações contextuais específicas e é parcialmente identificável através de seus efeitos ideológicos sobre a vida das pessoas.

Terceira característica, o poder é o suporte que as relações de força ou as tensões encontram um no outro, formando uma teia ou sistema de influências interagindo mutuamente. Por exemplo, a dominação do patriarcado é parcialmente sustentada pela definição de mulheres como não-homens. Em outras palavras, cada um é necessário para o outro e cada um é definido em termos do outro. Os conceitos constituem e são constituídos um pelo outro (binarismo).



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Quarta característica, o poder é a tensão das relações inerentemente contraditórias entre poder e resistência. Em outras palavras, o poder pode ser parcialmente descrito pelas metas e objetivos conflitantes de poder e resistência. Essa tensão só pode ser descrita em termos específicos em relação às pessoas que são os seus atores, e não em termos gerais que se aplicam a outros tempos e lugares. A tensão entre poder e resistência deve ser analisada levando-se em conta o tempo, espaço e atores específicos envolvidos na relação.

Quinta característica, o poder é conhecido pelas estratégias e práticas nas quais as relações de força produzem efeito. Um exemplo de estratégias e práticas é o processo de marginalização. A marginalização é o processo pelo qual os discursos não dominantes não são eliminados, mas tolerados como posições de oposição alternativas de resistência que fornecem o alvo e, portanto, a tensão para sustentar o discurso dominante. Este processo é necessário porque a força e a resistência são definidas uma em relação à outra (FOUCAULT, 2001). As manifestações institucionais dessas estratégias e práticas de poder podem ser encontradas na burocracia, no direito e em vários discursos sociais hegemônicos, como ciência, medicina e educação.

Além dessas cinco características afirmativas do que é o poder, podemos, para melhor defini-lo, acrescentar quatro características negativas, aquilo que o poder não é.

O poder não é um grupo de instituições, nem uma estrutura, nem um conjunto de mecanismos que assegurem a subserviência dos cidadãos ou das pessoas. O poder não é um modo de subjugação que funciona pelo uso da violência, mesmo velada. Em vez disso, o poder funciona através de estratégias e práticas sem direção consciente. Aqui Foucault procura distinguir sua noção de poder da noção jurídico-discursiva de poder prevalecente na filosofia ocidental, a qual é baseada na noção de uma pessoa democraticamente definida com direitos humanos básicos em uma relação de sujeito-soberano (FOUCAULT, 2003; 2008).

O poder não é uma força física essencialista de que somos dotados. O poder não significa um sistema geral de dominação por um grupo em relação ao outro. Na verdade, Foucault enfatiza que situações de dominação são incorporadas tanto nos dominadores quanto nos oprimidos. Essas instâncias individuais de poder, geralmente chamadas de dominação ou opressão, são efeitos, ou formas terminais de poder (FOUCAULT, 1979; 2003).



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

O poder não é uma restrição negativa à verdade ou aos direitos de indivíduos ou grupos, como geralmente é conceituado na visão jurídico-discursiva. Em vez disso, o poder é a força produtiva de discursos verdadeiros, dos direitos e da conceituação dos indivíduos, através dos processos, ou práticas discursivas das ciências humanas e de outros discursos importantes como ciências sociais, burocracia, medicina, direito e educação. Na visão jurídico-discursiva, todo o poder recai sobre o uso ou a ameaça da violência. Nesta visão, a não-violência não pode ser considerada poderosa porque é definida em termos de oposição; seria um contra-poder (FOUCAULT, 1996, 2003). Pelo contrário, a análise de Foucault (2003) mostra que a não-violência é uma força tão produtiva de poder quanto a violência. A educação, por exemplo, é o exemplo de uma instância do poder que se manifesta como não-violência. Ela é mesmo conceituada como contrária a violência. No entanto, boa parte da educação pode ser compreendida como simples reprodução do sistema de poder vigente, como o espaço de gerenciamento e produção dos saberes, os quais seriam aplicados para melhorar e aprimorar as formas de controle (FOUCAULT, 1987).

Não existe um ponto central do qual todo o poder emana. Em vez disso, o poder consiste em uma rede contínua ou grade de posições individuais, na qual existem tensões entre poder e resistência. Devido à desigualdade da tensão, os estados locais e instáveis de poder e resistência são constantemente criados, dissolvidos, invertidos e reorganizados. O poder é onipresente, não porque consolida tudo como resultado de uma fonte unificada. É onipresente porque é produzido continuamente em todas as relações de um momento para o outro, em uma situação para a próxima, entre pessoas em situações específicas.

O poder tem uma existência estratégica complexa e diferente, dependente de contextos específicos. Esta existência estratégica pode ser analisada em seus efeitos locais sem necessidade de concepções e aplicações universais. Em vez disso, a estratégia local é descrita em termos dos efeitos locais de dominação nos indivíduos e grupos envolvidos. Por exemplo, a existência de poder em um caso individual de relações de gênero (ou seja, um casamento heterossexual) pode ser analisada em termos dos limites que são colocados nas ações de um ou ambos os participantes (BUTLER, 1998).

Foucault às vezes se refere ao poder como poder-conhecimento, porque o poder se manifesta na forma de discursos que criam o mundo e a verdade, porém são questionados por contra-discursos



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

ou resistências, numa luta discursiva pela verdade ou sua desconstrução. O discurso pode, portanto, ser tanto um instrumento como um efeito de poder e resistência. Ele transmite e produz poder, mas também pode prejudicá-lo e expô-lo. Da mesma forma, as posições de silêncio podem produzir energia, mas também podem afrouxar o poder e fornecer áreas obscuras de tolerância à resistência. O nível mais importante de análise para as relações de poder é o nível de micropráticas ou micropolíticas, as atividades cotidianas da vida, as lutas singulares como feministas, lésbicas, Queer ou lutas de etnias e culturas.

Assim, a resistência pode desempenhar o papel de adversário, alvo ou apoio ao poder. O poder e a resistência constituem e são constituídos um pelo outro. Cada um deles é definido por referência ao outro. Poder e resistência são encontrados juntos em todos os pontos da rede de relações de poder. A diversidade de resistências é equivalente a diversidade das formas de poder e essas relações estão presentes e são sustentadas pelas formas de discursos.

A resistência ao poder já assumiu formas envolventes e de grande alcance como nas grandes rebeliões. Também se manifestou na forma de rupturas radicais como no Movimento dos Direitos Civis nos EUA da década de 60, ou na luta democrática nos países latino-americanos nas décadas de 60, 70 e 80. Porém a resistência também se manifesta em circunstâncias muito específicas e no micro ou molar, como em um local de trabalho, uma prisão ou escola específicas. A resistência funciona contra o poder e pode mudar as tensões e criar novas alianças e fraturas. A resistência também pode ser cooptada, ou absorvida, em qualquer relação de força. A cooptação da resistência resulta no aumento de potência do poder e na redução de força da resistência. Essa concepção foucaultiana do poder como um campo de forças, sem dúvida, é derivada de uma interpretação de Nietzsche e sua teoria das forças. É de Nietzsche também a noção de um poder que se manifesta na espessura do sentido construído em tensão ao longo de uma história. Trata-se do conceito de genealogia de Nietzsche, a qual desvela o modo como o poder usa a ilusão de significado para se aprofundar (DREYFUS and RABINOW 1983: xxvii). O trabalho de Nietzsche demonstrou como o poder cria a ilusão do significado para suportar estratégias de controle sem a necessidade de um apelo à noção de conspiração organizada.



COMUNICON2018
congresso **internacional**
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Como consequência das noções de poder e resistência, podemos ver que o raciocínio técnico, instrumental, focado nos meios e não nos fins foi elevado ao nível de princípio social. As ideias radicais que defendem a resistência ao gerenciamento científico da vida cotidiana passam a ser considerados como ilógicos, irracionais, sem sentido, desordenados e anticivilizatório. Como consequência, Para as práticas discursivas do poder, rejeitar a ciência é rejeitar a racionalidade.

Considerações finais

A crítica ao essencialismo e a valorização do híbrido tornam-se uma postura comum na AD, no pensamento de Michel Foucault e em várias correntes filosóficas contemporâneas. Essa crítica conduz a pensar o poder na chave da crítica ao binarismo da metafísica ocidental, ao posicionar poder e resistência como interdependentes e criadores de uma multidão de efeitos conforme suas forças e posições nas situações contextuais sociais, históricas e locais. O poder e o discurso guardam uma relação de profunda comunhão pois suas respectivas forças de verdade-saber são dependentes. O poder produz discursos, os quais alimentam suas próprias forças e transmitem a força de verdade para esses mesmos discursos. Poder e discurso alimentam-se respectivamente.

As múltiplas variantes metodológicas da AD baseiam-se em certos princípios conceituais, presentes na filosofia de Foucault e de outras correntes filosóficas contemporâneas. Entre os mais importantes conceitos estão o de poder, de resistência ao poder, de ideologia e de crítica ao essencialismo. Os pesquisadores e aplicadores dos princípios e das práticas da AD devem ter esses fundamentos conceituais no horizonte, porque na AD, como em muitos outros métodos qualitativos, o pesquisador e sua posição são partes essenciais da interpretação dos discursos. A AD de influência foucaultiana pode ser usada para explorar as relações de poder e os efeitos de poder inerentes aos discursos dentro das disciplinas, nos campos de estudos, na arte e nos discursos expressivos, na cultura popular e na fala do cotidiano. Os analistas do discurso precisam estar cientes das conceituações de poder e resistência, da crítica ao essencialismo e valorização do híbrido. Essa consciência lhes permitirá reconhecer no discurso sua materialização e operacionalização.

O método, ou princípios, de análise do discurso é aplicável a muitas situações, inclusive no cotidiano. Uma maior conscientização e compreensão do poder e da opressão nos discursos pode



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

resultar no desvelamento desse poder e na criação de uma sociedade intercultural e transcultural na qual novas formas de vida podem surgir com plena liberdade e exuberância, sem sofrer discriminações. A AD permanece um importante campo de estudo que partilha com várias correntes filosóficas contemporâneas o desejo de desnudar o poder para melhor lhe compreender e talvez o superar enquanto força que constrói a subjetividade em todas as dimensões sociais e existenciais humanas.

A compreensão da Análise do Discurso da formação, constituição e circulação dos discursos e seus efeitos na construção da subjetividade, descentraliza os sujeitos reificados como fundamento das concepções de comunicação que enfatizam as “trocas simbólicas”. Na análise do discurso o sujeito é descentrado, constituindo-se numa produto da circulação dos discursos fundados na ideologia e na luta entre reprodução do poder e resistência a esse poder. Toda ideologia tem por função constituir indivíduos concretos em sujeitos. Como categoria constitutiva da ideologia, será somente por meio do sujeito e no sujeito que a existência da ideologia será possível. Entretanto esses sujeitos não são concebidos como essências reificadas e portadores de uma substância, mas como entidades que são constituídas exatamente pelo discurso. O sujeito assim torna-se uma função vazia, um espaço a ser preenchido por diferentes figuras, conforme a interpretação dos enunciados discursivos. Trata-se de uma concepção de sujeito que rejeita qualquer fundamento unificante e essencialista, questiona-se as concepções, muito presentes em certas teorias da comunicação, do sujeito enquanto ser único, central, que é a origem e a fonte do sentido. Não temos mais uma fundamentação da subjetividade centrada numa transcendência do ego, mas como produto constituído pelas possibilidades discursivas de um determinado contexto. Como consequência, a linguagem não é mais algo transparente produzido por um sujeito uno, homogêneo e soberano. Trata-se de conceber a comunicação como construção de sujeitos constituídos pelos outros e pelos discursos que engendram sua identidade.

Referências

- ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.
- BAKER, C. and GALASINSKI, D. *Cultural Studies and Discourse Analysis*. London: Sage, 2001.
- BAUMAN, Z. “On the philosophical status of ethnomethodology”. *The Sociological Review*, v. 21, n. 1, p. 5-23, 1973.
- BUTLER, Judith. "Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do 'pós-modernismo'". *Cadernos*



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Pagu, n. 11, p. 11-42, 1998.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHAUÍ, M. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

DENZIN, N. K. *Interpretive Ethnography: Ethnographic Practices of the 21st Century*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1997.

DREYFUS, H. and RABINOW, P. Michel Foucault, *Beyond Structuralism and Hermeneutics*. Chicago: University of Chicago Press, 1983.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1977. v. 1.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2003.

FOUCAULT, M. *Os anormais*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, M. *Segurança, território e população*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Ed. Vozes, Petrópolis, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREITAS, Verlaine. Teoria crítica da indústria cultural. *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 45, n. 109, p. 191-198, June 2004. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2004000100010&lng=en&nrm=iso. access on 30 Nov. 2017.

GARFINKEL, H. *Studies in ethnomethodology*. New Jersey: Prentice Hall, 1967.

HABERMAS, Jürgen. *Conhecimento e interesse*. Trad. José N. Heck, Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Porto Alegre, DP&A Editora, 2006.

McLENNAN, G. et al. "A teoria de Althusser sobre ideologia", in Centre for Contemporary Cultural Studies, Universidade de Birmingham (org.), *Da ideologia*. Trad. R. Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, pp. 101-37.

NICHOLSON, L. On the postmodern barricades: Feminism, politics, and theory. In: S. SEIDMAN, S. and WAGNER, D. G. (eds.) *Postmodernism and Social Theory*. Oxford: Basil Blackwell. Google Scholar. Phillips, A. 1992.

NIETZSCHE, F. *A Vontade de Poder*. Trad. Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

NIETZSCHE, F. *A Genealogia da Moral*. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Cia Das Letras, 2009.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 5 ed. Campinas: Pontes, 2003.

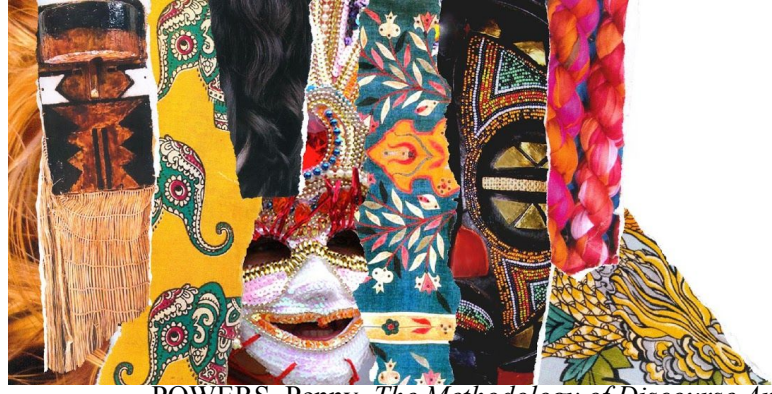
PARRET, H. *The Aesthetics of Communication: Pragmatics and Beyond*. Berlin/Heidelberg: Springer, 1993.

PÊCHEUX, M. "Delimitações, Inversões, Deslocamentos". *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n.19. Campinas: Unicamp. 1990, pp. 7-24.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-1969). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 2010. pp. 59-158.

PHILLIPS, N. and HARDY, C. *Discourse Analysis: Investigating Processes of Social Construction*. Thousand Oaks, CA: Sage, 2002.

PHILLIPS, L. and JORGENSEN, W. *Discourse Analysis as Theory and Method*. London: Sage, 2002.



COMUNICON2018
congresso **internacional**
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

POWERS, Penny. *The Methodology of Discourse Analysis*. New York: Jones and Bartlett, 2001.
WOOD, L.A. and KROGER, R.O. *Doing Discourse Analysis*. Thousand Oaks, CA: Sage, 2000.